

Vulnerabilidade psicológica: análise dos personagens do livro ensaios sobre a cegueira

Psychological vulnerability: analysis of characters from the book tests about blindness

Thelma Pontes Borges*
Universidade Federal do Tocantins
Araguaína, Tocantins, Brasil.

Elivandson Mendes Pereira**
Universidade Federal do Tocantins
Araguaína, Tocantins, Brasil.

João Victor Ferreira dos Santos Silva***
Universidade Federal do Tocantins
Araguaína, Tocantins, Brasil.

Resumo: O trabalho tem por objetivo analisar os personagens da obra Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago, a partir da teoria da moralidade de Jean Piaget. Para tanto, utilizou-se da análise clínica piagetiana nas narrativas produzidas sobre os personagens, a fim de constituir categorias psicológicas. Como resultado, evidenciaram-se dois grupos de personalidade, sendo o primeiro autônomo e o segundo heterônomo. Conclui-se que Saramago foi sagaz na construção psicológica dos personagens, permitindo extrapolar as vivências da leitura para a vida real.

Palavras-chave: Psicologia Moral. Literatura. Piaget. José Saramago.

Abstract: The objective of this work is to analyze the characters of the essay Essays on Blindness by José Saramago from Jean Piaget's theory of morality. For this purpose, Piaget's clinical analysis was used in the narratives produced about the characters, in order to constitute psychological categories. As a result, two personality groups became evident, the first being autonomous and the second heteronomous. It is concluded that Saramago was clever in the psychological construction of the characters, allowing to extrapolate the experiences of reading to real life.

Keywords: Moral Psychology. Literature. Piaget. José Saramago.

*Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo/USP e docente no Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: thelmapontes@uft.edu.br.

** Graduado em Letras pela Universidade Federal do Tocantins, foi bolsista PIBIC/CNPQ. E-mail: thelb@terra.com.br.

*** Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: joaovictorfdss@mail.uft.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade discutir e analisar a personalidade dos personagens do livro *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, apoiando-se na psicologia piagetiana. Buscamos relacionar as vivências dos personagens com a teoria do desenvolvimento moral, visto que as emoções e ações praticadas por eles são semelhantes às apresentadas na nossa sociedade, permitindo, por um lado, conjecturar acerca do comportamento humano e, por outro, compreender as nuances do processo literário. Portanto, teceremos considerações sobre a relação entre a literatura e a psicologia.

Antes de falar sobre a importância da literatura e sua relação com a psicologia, devemos nos questionar sobre o que é literatura. Podemos afirmar que não há uma definição concluída, já que a literatura não é algo que alguém pode definir com propriedade ou como verdade única. A percepção literária é individual e a concepção vai se alterando de acordo com o sujeito. Segundo Lajolo (2001), dependendo do ponto de vista de cada pessoa, formam-se um significado diferente e um novo plano de compreensão:

O que é literatura? é uma pergunta complicada justamente porque tem várias respostas. E não se trata de respostas que vão se aproximando cada vez mais de uma grande verdade, da verdade-verdadeira. Cada tempo e, dentro de cada tempo, cada grupo social tem sua resposta, sua definição. (LAJOLO, 2001, p. 25)

Muitos autores compartilham do mesmo pensamento de Lajolo, defendendo que não há uma definição para literatura, pois esta é algo inacabado, que vai se atualizando e produzindo novos sentidos diariamente:

A literatura tem sido, ao longo da história, uma das formas mais importantes de que se dispõe o homem, não só para o conhecimento do mundo, mas também para a expressão, criação e recriação desse conhecimento. Lidando com o imaginário, trabalhando a emoção, a literatura satisfaz sua necessidade de ficção, de busca de prazer. (VIEIRA, 1989, p. XI)

A literatura auxilia na constituição da sociedade, contribuindo para a formação do ser humano através da apuração de seus sentimentos e emoções, da percepção social, do enriquecimento linguístico etc. Autores como Antonio Candido, Terry Eagleton, Marisa Lajolo, Alice Vieira, entre outros, concordam que a literatura tem um papel social fundamental dentro da sociedade, mesmo que nem sempre seja perceptível.

Para Candido (2004), a literatura traz consigo momentos de reflexão, construção de conhecimentos, emoção, prazer, juízo crítico, constituindo um caráter humanizador no indivíduo. Sendo tão essencial para o ser humano, Candido afirma que a literatura é um direito de todos, assim como todos têm direito à educação, à saúde, bens fundamentais, entre outros.

Cada indivíduo tem um modo de ver a realidade e de ser tocado por ela. Assim, cada leitura deixa sua marca, sendo que essa impressão acompanha o leitor, ou seja, o

sujeito abstrai aquilo que leu, positiva ou negativamente, e incorpora em seu modo de ser e ver o mundo. De acordo com Lajolo (2001, p. 44 - 45),

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. Tudo o que lemos nos marca.

Portanto, podemos afirmar que a literatura tem um papel humanizador, já que por meio dela temos oportunidade de fazer leitura de mundo, desenvolver prazer, repertório cultural, trazer emoções, reflexões, juízos, valores sociais, entre outros. Os textos literários podem contribuir para formação de pensamentos críticos e desenvolvimento da personalidade.

Dessa forma, analisamos o livro *Ensaio Sobre a Cegueira*, de José Saramago, por verificar que os personagens desenvolvem ações tipicamente humanas. Os comportamentos apresentados no livro, em determinadas situações, levam o indivíduo ao extremo de suas capacidades emocionais, ao limite de seu aparato psicológico e dos instrumentos cognitivos de moral. A literatura tem a capacidade de colocar em narrativas aquilo que a Psicologia se desdobra para explicar. Nesse sentido, a união das duas permite uma compreensão tanto da Psicologia quanto do comportamento humano, além de possibilitar uma nova leitura literária.

A análise do livro cumpre com alguns quesitos: vislumbra uma compreensão literária baseada na análise psíquica dos personagens, tendo como referencial teórico a Psicologia Moral, fundada por Jean Piaget; volta-se para a compreensão humana, seus impasses, suas decisões e a capacidade de perceber como a *“arte imita a vida”*, ou de entender o porquê dos comportamentos. A análise da personalidade moral auxilia na visualização dos elementos que geram a compreensão das ações humanas e, mais do que isso, permite entender o que rege o pensar humano frente às situações extremas. Além disso, um terceiro aspecto está diretamente relacionado à possibilidade de realizar um estudo sobre a personalidade dos personagens dos livros, sob a ótica da constituição de aspectos caracterizados como formação moral e ética (LA TAILLE, 2006, 2009; PIAGET, 1932/1994). Este estudo mostra que não há nenhum trabalho que tenha se dedicado a averiguar aspectos de personalidade na literatura de língua portuguesa, aproximando áreas que pouco conversam, como a Psicologia do Desenvolvimento, especificamente a Psicologia Moral, e a Literatura. A Psicologia Moral é mais conhecida por estudar o desenvolvimento humano e as intervenções promotoras da moralidade em ambientes escolares, na maioria das vezes, em regiões mais desenvolvidas do país. Além disso, é necessário entender que valores¹ guiam os personagens e qual sua escala de valores, o que permite verificar como alguém escolhe suas prioridades morais e

¹ O termo valor é adotado com base na definição piagetiana e deriva de seus estudos sobre afetividade. O valor é dado pela relação afetiva entre a pessoa e o objeto, sendo a afetividade o que define o valor das situações (PIAGET, 1953-54/1994).

fundamenta sua construção de personalidade ética, definindo os valores centrais e os periféricos em sua constituição (TAYLOR, 2011). Assim, compreender qual valor vem antes, numa escala, permite saber por quais caminhos e princípios são guiados os comportamentos dos sujeitos.

O artigo está dividido em cinco partes: a introdução aqui apresentada; uma descrição do livro e a importância da literatura para a vida; uma revisão da teoria de Jean Piaget, que auxiliou na produção da análise da personalidade dos personagens; apresentação de metodologia e dos resultados obtidos; e as considerações finais do trabalho.

2 LITERATURA, PSICOLOGIA E ENSAIOS SOBRE A CEGUEIRA

A literatura pode contribuir com o desenvolvimento humano. Por meio dela, é possível vivenciar situações, espelhar modelos, pensar nas consequências, devanear em outros mundos e ao mesmo tempo construir referências de linguagem e de vida. A literatura é arte que exprime o cotidiano das coisas e das pessoas (AMORIM, 2001). Por um lado, a Psicologia tenta entender os comportamentos e compreendê-los e, por outro, a literatura expressa esses comportamentos, servindo de elemento experimental ou reparador da psique humana, através das histórias apresentadas:

Muito se tem discutido a respeito da importância da leitura para o crescimento intelectual, psicológico e social do homem. Leitura que se traduz não somente na decodificação do código linguístico, mas também na elaboração de sistemas de referência de valores, imprescindíveis para a formação e o desenvolvimento do espírito crítico. (VIEIRA, 1989, p. 7)

A literatura desenvolve um papel de transmissão de cultura e de valores morais de um tempo ou lugar. Segundo Abromovich (1997), a história permite conhecer outros lugares, tempos, modos de ser e de agir, favorecendo a descentração, a ética e a ótica das coisas. As linguagens literárias, que foram coletadas e compartilhadas no decorrer dos anos, permitem estudar o passado e compreender uma época, bem como entender como aquelas características se perpetuam ou se modificam ao longo do tempo.

Os textos literários contribuem para a formação de pensamentos, emoções e do desenvolvimento humano, concebendo este a partir daquilo que possibilita alcançar uma maturidade de desenvolvimento emocional, social, cognitivo e afetivo (LA TAILLE, 2009). No desenvolvimento psíquico, essas histórias fazem o leitor refletir sobre o que faria se estivesse na situação relatada, construindo, assim, modelos representativos do eu. De acordo com Vinha (2000, p. 43),

No processo de reflexão sobre as ações das personagens, as crianças enfrentam questões sobre o que acreditam ser “bom” ou “mau”, “certo” ou “errado”, construindo suas próprias opiniões e ouvindo a opinião dos outros, dando início, desta forma, no processo de construção de seus valores morais a partir das experiências da vida cotidiana.

Por meio da literatura, pode-se expressar pensamentos e desenvolver a identificação de sentidos. Ler está diretamente relacionado a processos cognitivos e de desenvolvimento, e tem sido uma ferramenta importante na tarefa de conhecer o mundo e expressá-lo, possibilitando que o próprio ato de ler e vivenciar outras histórias produza novo instrumental psicológico, o que facilita a adaptação social e a compreensão da vida, além de gerar emoção e prazer (VIEIRA, 1989). Segundo Antônio Candido (2004, p. 186),

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Assim, ler é construir veios na personalidade demarcando caminhos a seguir e constituir um “eu” como guia dos comportamentos e pensamentos.

Dessa forma, pretende-se analisar o livro *Ensaio Sobre a Cegueira*, do escritor José Saramago, por verificar que a construção de seus personagens auxilia o entendimento sobre parte daquilo que se configura na contemporaneidade como vulnerabilidade psicológica (BORGES, 2017). Assim, percebe-se que, na história construída por Saramago, os personagens demonstram as mesmas fragilidades emocionais e de formação de personalidade ética que as pessoas reais da sociedade. Individualismo, egoísmo, falta de senso de coletividade e de valorização da vida aparecem como cicatrizes de uma constituição psíquica pouco desenvolvida e marcada pela imaturidade das relações. Ou, adiantando, diz respeito a uma personalidade tipicamente heterônoma.

José Saramago é um escritor conhecido e reconhecido, que publicou vários livros, constando entre os mais conhecidos “Ensaio sobre a cegueira”, “A viagem do elefante”, “O evangelho segundo Jesus Cristo”, “A jangada de pedra”. Conquistou prêmios, como “Comendador da Ordem Militar de Santiago de Espada” (1985), “Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras Francesas” (1991), “Prêmio Camões” (1995), “Prêmio Nobel de Literatura” (1998).

Ensaio Sobre a Cegueira conta uma história instigante de uma cegueira totalmente diferente das que já foram registradas pela ciência da época. O narrador relata que, primeiramente, um homem foi “atingido” por tal cegueira, denominada como uma cegueira branca, comparada com um “mar de leite”. Esse personagem, que estava no semáforo quando ficou cego, entrou em contato com várias pessoas (um homem que o ajudou a chegar em casa, sua mulher, taxista, oftalmologista e todos que estavam no consultório), sendo que quase todos cegaram.

Diante da epidemia inexplicável, o governo isola os contaminados em um antigo manicômio desativado, constituindo, assim, uma espécie de quarentena. Durante o isolamento, os personagens enfrentam várias complicações no dia-a-dia: a própria cegueira, o isolamento do mundo exterior, o racionamento de comida, a falta de higiene e de apoio relacionado à locomoção, além de graves relações de coação, incluindo abusos físicos e psicológicos.

A história mostra o que acontece aos personagens enquanto estão confinados, suas relações e transformações, seus comprometimentos, permitindo extrair do texto análises

referentes a seus modos de ser e fazer, o que auxilia na elaboração de um “diagnóstico psicológico”. O desenrolar da história contada no romance de José Saramago é baseado nas relações entre os indivíduos, tanto os que estavam dentro da quarentena, quanto os que estavam do lado de fora (soldados e sargentos).

Há um destaque maior aos internados, que se dividiam em grupo da mulher do médico, a única pessoa que enxerga, e grupo de cegos da terceira camarata, que tem domínio de uma arma de fogo. A mulher do médico enfrentou vários dilemas, dentre os quais se observa o de acompanhar o marido na quarentena, não o deixando sozinho. Durante toda a narrativa, a personagem da esposa se mostra uma pessoa que pensava no próximo e buscava o bem coletivo, mesmo sofrendo por toda a situação que passava. Essa personagem teve um papel muito grande na história, pois tentava mediar os conflitos e amenizar as situações dentro do manicômio e fora dele. Mesmo em situações extremas, a mulher com visão preservada consegue estabelecer para si um padrão de valores, indicando que ao longo de sua vida desenvolveu uma personalidade ética ou autônoma. Ao final, todos os personagens “recuperam” a visão.

O romance, por meio de sua narrativa, mostra ao leitor que tudo que ocorreu no manicômio transcorre diariamente na nossa sociedade e que, por muitas vezes, passa despercebido e/ou as pessoas não veem o que acontece, assim se fazendo de cegas. A obra tem forte caráter político, no entanto, não é objetivo aqui abordá-lo.

Alguns pontos chamam a atenção: o desenvolvimento psicológico dos personagens, elucidando seus embates e comportamentos, bem como suas transformações durante o período de cárcere; “o mar de leite” é sinônimo da incapacidade total de ver as situações (fisicamente e metaforicamente); a trama é envolvente, fazendo com que o leitor se coloque na situação dos personagens e sinta todas as emoções que são transmitidas, como se estivesse observando os acontecimentos.

Outro ponto importante é quanto à estrutura do texto, que vai deixando seus próprios traços, como a ausência de travessão para expressar as falas dos personagens, a falta de pontos de interrogação e exclamação, nomeação de capítulos, apresentando poucos parágrafos, entre outros. Esses aspectos ajudam a criar o universo psicológico dramático, os quais permitem ao leitor vivenciar com profundidade os dramas existenciais que aparecem no decorrer da trama e seguir o ritmo das falas e dos pensamentos dos personagens. Tal contexto narrativo permite a elaboração de uma análise psicológica dos personagens.

3 DESENVOLVIMENTO MORAL COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE

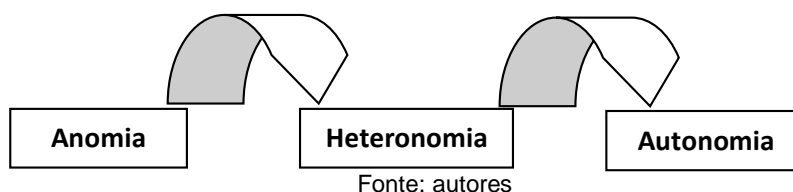
[...] a moralidade humana é o palco por excelência onde afetividade e razão se encontram, via de regra, sob a forma do confronto. (LA TAILLE, 1992, p. 47)

Nesta seção, iremos realizar uma abordagem teórica a respeito da moralidade humana, que influencia diretamente os nossos dilemas morais e as nossas decisões. Cada comunidade tem suas normas e valores morais. Quando nascemos, somos inseridos em uma comunidade e acabamos por nos apropriar de alguns desses valores morais, que

podem ou não ser incorporados à nossa personalidade. Uma vez incorporados, desenvolvemos princípios que funcionam como mapas do comportamento humano.

As pesquisas de Piaget (1932/1994) consideraram que existem três tipos de estágios morais: anomia, heteronomia e autonomia. Sendo a primeira típica de crianças pequenas, a anomia mostra que, apesar de conhecerem as regras sociais, os infantes não as seguem e se comportam a partir dos próprios desejos. O segundo momento, a heteronomia, desdobra-se como resultado de interações familiares promotoras de educação, de forma que, por amor ao cuidador, a criança passa a obedecer, configurando avanços na moralidade. Contudo, o respeito cego a um líder oferece consequências imaturas a seu comportamento, pois segue uma regra porque alguém mandou e não por considerá-la correta. Alcançar níveis mais elevados de desenvolvimento moral pressupõe uma melhoria da capacidade do convívio social e do respeito ao próximo. É esperado que se alcance a autonomia moral, embora algumas condições sejam necessárias para tanto. Na figura 1, vemos que existe uma sequência lógica de formação da personalidade moral, mas nem sempre os fatores necessários ao desenvolvimento são ofertados, ficando a pessoa à mercê de características psicológicas pouco apuradas:

Figura 1



A teoria de desenvolvimento moral, de cunho piagetiano, trabalha com a noção de que a moral e a ética somente aparecem como resultado da interação do sujeito com um ambiente cooperativo e facilitador do pensamento, que proporcione o exercício de descentração de si mesmo e de se colocar no lugar do outro, favorecendo o desenvolvimento cognitivo e moral (PIAGET, 1932/1994). Ambientes emocionalmente favoráveis auxiliam no desenvolvimento da autonomia moral. Assim, o senso de justiça, solidariedade e amizade, fatores indispensáveis para a constituição de uma personalidade ética, deve estar presente. Por outro lado, ambientes coercitivos geram somente a heteronomia moral e um senso de justiça baseado em fatos aparentes e sem análises mais profundas. Infelizmente, a educação é focada em ambientes mais favorecedores da heteronomia do que da autonomia moral. A escola e a família que fortalecem o lugar de liderança, como no caso do professor ou do cuidador que manda e não permite intervenções e questionamentos, estão privando o ser humano de condições necessárias ao seu desenvolvimento.

Uma pessoa cuja personalidade ficou estagnada na heteronomia moral tende a ter juízos morais baseados no imediatismo e na aparência da situação, sem conseguir analisar a partir do todo e sem alocar o bem comum à frente do individualismo na escala de valores. Em outras palavras, uma personalidade heterônoma tende a se comportar como

crianças e adolescentes, cujos comportamentos são típicos de sua imaturidade psíquica, preocupando-se em se comportar conforme o líder de seu grupo determina (LA TAILLE, 1998; TOGNETTA, 2003; VINHA, 2009). Assim, se a liderança propuser atitudes destrutivas, estas serão consideradas a regra a ser seguida, uma vez que a moral está localizada fora do sujeito, estando volúvel a quem assumir o lugar de referência.

O modelo piagetiano de moralidade prevê a construção progressiva desse desenvolvimento mediante condições de inter-relações que asseguram tal processo. Para Piaget (1932/1994), a moral passa pela elaboração de um método de comportamentos durante as inter-relações sujeito-objeto. A moralidade, nesse caso, não é inata, pois a criança nasce com ausência total de regras, que passam a se desenvolver na relação com o meio físico e social no qual se encontra inserida. O respeito cego ao adulto e o egocentrismo infantil somados ao fato de as regras sociais serem impostas por alguém de referência caracterizam o que Piaget (1932/1994) denominou de moral heterônoma. Ter uma personalidade heterônoma diz respeito a uma vulnerabilidade emocional, posto que sua opinião e julgamento ficam à mercê de outra pessoa. Em outros termos, é a personalidade do enxame, daquele que faz o que todos fazem:

Na fase de heteronomia moral a criança percebe as regras como absolutas, imutáveis, intangíveis. As regras têm um caráter místico podendo ser consideradas como de origem divina. Nessa fase a criança julga a ação como boa ou não com base nas consequências dos atos, sem uma análise mais ampla e sem considerar as intenções do autor da ação. Considera que se um indivíduo foi punido por uma determinada ação, esta ação é errada. (FINI, 1991, p. 59-60)

Espera-se que o ser humano tenha condições de superar esse momento de desenvolvimento e alcance uma “moral do bem” ou autonomia moral. Estar apto a colocar-se no lugar do outro e utilizar de um instrumental cognitivo hipotético auxiliam no entendimento do papel das regras e dos contratos sociais. Seguir regras pelo bem da maioria e propor alterações visando o bem coletivo maior definem uma personalidade ética ou autônoma. Enfim, ter superado a heteronomia e estabelecido o bem comum como leme resulta na produção de uma matriz cognitiva/afetiva de decisão e avaliação dos comportamentos. Para tanto, são necessários ambientes de convivência menos hierarquizados, com predominância de relações recíprocas e cooperativas.

Piaget (1998) demonstra que a solidariedade não é o respeito por uma regra exterior, mas diz respeito à capacidade mútua de participar da elaboração das regras coletivas. Não é o respeito individual a um líder, mas a discussão e o controle dialético. Analisar os personagens dos livros permitiu conjecturar sobre as suas características de desenvolvimento moral, dizer sobre que representações de “si mesmo” fazem, se fatores morais e virtudes compõem sua personalidade e se encontram no centro de seus pensamentos e julgamentos.

Deve-se seguir Piaget (1932/1994), que apresenta a moralidade como indissociável da razão, uma vez que se torna necessário pensar as ações de maneira coordenada e reversível para conseguir atuar sobre ela. A tomada de consciência sobre algo permite a tomada de decisão quanto aos seus julgamentos e comportamentos morais.

A equilibração constitui o ponto chave da obra e da teoria de Piaget (1955,1976). As estruturas de pensamento formam-se justamente no movimento de equilíbrio do pensamento. Durante os processos dialéticos de relação com o objeto, o sujeito produz instabilidades no pensamento que se realinham através de processos contínuos, gerando estados superiores de equilíbrio e produzindo novos patamares nas estruturas mentais.

Não se deve deixar de considerar que, além da razão, outro elemento se faz presente e determinante quando se trabalha com desenvolvimento moral – a afetividade. Piaget (1932/1994) diz que moralidade é o palco no qual se unem razão e emoção. A afetividade permite compreender melhor a diferença entre saber que algo é errado e, ainda assim, ter uma ação considerada inadequada. A razão pode atestar a compreensão, mas a ação moral passará necessariamente pela disposição emocional do sujeito. Com isso, passa-se do campo do estudo não somente da moralidade, mas da personalidade, uma vez que se abordam aspectos amplos da formação do sujeito. Para Piaget (1932/1994), a afetividade está ligada às representações que o sujeito faz de si na relação com o meio. Assim, ter ou não uma ação moral depende da percepção de si mesmo e da formação da identidade.

Para se construir uma personalidade moral, Piaget (19332/1994) diz que o único caminho é a constituição de um ambiente que favoreça esse processo através das relações de cooperação. Vinha (2009) escreve que, para desenvolver a moralidade, são necessárias experiências de vida social, pois nestas precisam discutir problemas e compreender as regras como algo estabelecido para o bem comum e para a melhor convivência de todos. La Taille (2006) relaciona a moral ao domínio dos deveres e a ética à dimensão da “boa vida”, ou seja, da vida com sentido de viver. A moral, assim, encontra-se no campo do dever, que reflete ações coerentes com seu plano ético e garante a regulação da convivência humana. La Taille (2006) auxilia-nos na ampliação da compreensão quando diz que o “como agir” (moral) está diretamente relacionado ao “como quero viver” (ética).

Mais que compreender os deveres, o que esse autor propõe é que há a necessidade de verificarmos a posição ética dos sujeitos se quisermos compreender suas ações morais. Por conta disso, algumas questões (quem eu sou? O que quero da vida? O que espero do futuro?) tornam-se mais importantes do ponto de vista da formação da personalidade, pois demarcam a posição do sujeito frente à vida e à sua escala de valores. Responder tais questões define que “vida vale a pena ser vivida”, sendo extraídos, a partir desse lugar, as regras e os deveres a serem seguidos. A ética diz dos princípios que devemos seguir; os deveres derivam dela. Assim, a moral é fruto da ética. Os estudos sobre a moral e a ética englobam uma dimensão importante na compreensão da formação do homem e na constituição de sua personalidade.

No livro *Ensaio Sobre a Cegueira*, os personagens vivenciam situações limites de insegurança, desespero, ameaça à sobrevivência e morte, em um momento em que relações de cooperação e solidariedade² teriam auxiliado na manutenção da vida. Frente à situação, foram solidários uns com os outros? Como se organizam? Como tomam decisões? Quais características de personalidade podem ser aferidas a partir dos

² Tomamos solidariedade como definido por Orlando Lourenço (1994), que estudou crianças em diversas culturas e verificou que a solidariedade é resultado de uma inteligência mais aguçada. Assim, crianças mais inteligentes são mais solidárias justamente porque isso pode resultar em benefícios para si.

comportamentos e pensamentos dos personagens? Qual o nível de desenvolvimento moral dos personagens? Como se configura a personalidade ética desses personagens?

4 METODOLOGIA E RESULTADOS

Piaget (1926/1982) estudou o pensamento da criança, verificando como se constituem suas ideias sobre o mundo, a natureza, sua estruturação cognitiva, afetiva e moral. Não se fixou na padronização, mas nas justificativas que a criança dava às suas questões e nas suas reações frente às situações propostas, permitindo conhecer seu universo interior. O método de Piaget consistia em investigar, a partir daquilo que a criança explicitava em entrevistas clínicas e testes, o seu modo de pensar. A análise do livro *Ensaio Sobre a Cegueira* pretendeu, a partir da decodificação do texto, construir narrativas que permitiram compreender o universo psíquico dos personagens, tal como realizado por Piaget. As histórias narradas e os pensamentos apresentados permitiram supor aspectos psicológicos tal qual numa entrevista clínica.

Analizamos, durante a narrativa, ações individuais dos personagens e também do grupo, estabelecendo características predominantes dos comportamentos, o que possibilitou a constituição de dois grandes grupos de personalidade. Tais grupos foram compreendidos a partir de ações-chaves para entendimento da moralidade, permitindo elencar os comportamentos em anomia, heteronomia e autonomia: (1) Na anomia, foram enquadradas as atitudes que tinham a função de satisfazer desejos individuais, negligenciando em completo o direito e a dor das pessoas envolvidas no processo, o que pode ser visto em algumas cenas como, por exemplo, quando se exigiu sexo em troca de comida (Apesar de termos comportamentos identificados como típicos da anomia, no geral os personagens não se comportavam em sua totalidade dessa forma); (2) Na Heteronomia, identificamos aqueles personagens que elegeram líderes e os seguiram cegamente, como se a moralidade fosse dada pela capacidade de obediência e não pela reflexão (A maior parte dos personagens se enquadraram nessa categoria); (3) Na autonomia, estão aqueles que conseguem utilizar da reflexão, mesmo em momentos de extrema carga emocional (É o caso, por exemplo, da mulher do médico e do próprio médico), sendo que o uso da consciência como forma de tomada de decisão e a escolha pela coletividade qualificam esses personagens.

No romance aqui analisado, produzimos dois grupos de personalidade: Personalidade Ética Autônoma e Personalidade Ética Heterônoma. Utilizamos essas duas categorias tanto para uma análise geral dos grupos sociais quanto para a análise individual dos personagens.

A **Personalidade Ética Autônoma** é marcada pela tendência de considerar a coletividade ante a individualidade, a reciprocidade das relações, os acordos mútuos e a necessidade de passar toda e qualquer ação subjetiva pelo crivo da inteligência. A **Personalidade Ética Heterônoma** é denominada pelos comportamentos individuais e pelas decisões que favorecem a si mesmo ou seus próximos, tendo também como atributo o respeito incondicional às pessoas mais fortes ou que demonstram autoridade. Cabe ressaltar que a opinião ou decisão desse tipo de personalidade é efêmera e dependente de

quem ocupa o lugar de liderança, o que constitui pessoas altamente volúveis e manipuláveis.

No quadro 1, abaixo, aparecem os principais personagens e sua denominação psicológica:

Quadro 1: Personagens individuais e tipos de personalidades

Personalidade Ética Autônoma	Personalidade Ética Heterônoma
Médico Oftalmologista	Rapariga dos óculos escuros
Mulher do Médico	Rapazinho estrábico
Velho da Venda Preta	Primeiro Cego
	Governo
	Mulher do Primeiro Cego

Fonte: Os autores

Verificamos que apenas três personagens se enquadraram na personalidade autônoma, mas, apesar de serem poucos, tiveram papel singular no controle de uma das alas do hospital, ofertando humanidade e funcionando como amplificadores das barbaridades ocorridas durante o tempo de internação. A mulher do médico, que não cegou, se submeteu ao confinamento no manicômio, perdendo seus direitos básicos para acompanhar o marido e aqueles que acabaram se aproximando dela. A mulher do médico agia de forma a pensar não somente em si, mas em seu marido e todos que estavam em sua camarata.

O médico também apresentou ações que podem ser caracterizadas como de uma pessoa que está na autonomia. É perceptível uma linearidade de suas ações, sendo que, desde o início até o fim da narrativa, se preocupava com o outro. Além do médico e de sua mulher, havia outra pessoa que estava na autonomia: o personagem que é chamado de velho da venda preta. Ele não é tão presente na narrativa, como o médico e sua mulher, porém, todas as suas ações demonstram que estava na autonomia, trabalhando para conseguir o bem de todos e lutando pela liberdade e democracia dentro do manicômio. Portanto, esses três personagens tinham uma consciência autônoma, os quais agiam por meio da cooperação, olhando todo o contexto, além de pensarem no bem comum e em um respeito mútuo.

O recorte a seguir serve como exemplo, pois é possível ver que, apesar de estar acometido pela “cegueira”, o médico se preocupa com o coletivo:

Na verdade um oftalmologista cego não poderia servir para muito, mas competia-lhe informar as autoridades sanitárias, avisá-las do que poderia estar a tornar-se em catástrofe nacional, nada mais nada menos que um tipo de cegueira [...]. (SARAMAGO, 1995, p. 37)

No quadro 2, é apresentada a separação em grupos de personalidade. Observamos que o grupo com personalidade autônoma é maior do que o número de pessoas com a mesma característica de personalidade individual, apresentado no quadro 1. Isso se deve ao fato dos personagens na heteronomia, por seguirem uma liderança, poderem tanto se filiar a um líder com características tirânicas como a um com traços de solidariedade. No

entanto, sabemos que uma pessoa na heteronomia tende a buscar líderes mais fortes e que garantam as necessidades básicas, como proteção e alimentação, levando a maior parte dos cegos a seguirem o grupo na heteronomia. Dessa forma, acreditamos que aqueles que permaneceram com o médico e sua mulher estavam em processo de transição da heteronomia para a autonomia. Os últimos quatro personagens citados (mulher do médico, médico, velho da venda preta e rapariga dos óculos escuros) formavam um grupo, que continha outros participantes, como o rapazinho estrábico, primeiro cego e sua mulher. Mesmo a base do grupo estando na autonomia, esses personagens permaneceram na heteronomia, já que viam a mulher do médico e o médico como líderes a serem seguidos. Por seguirem pessoas cujas características de personalidade estavam apuradas, seus comportamentos pareciam com os deles. Pode-se, inclusive, conjecturar que o grupo, por ser mais cooperativo e recíproco, favorecia o aflorar de personalidade ética.

No recorte a seguir, é possível verificar a rapariga dos óculos escuros explicando por que o médico deveria ser o líder e se fundamenta em sua autoridade como tal, demonstrando que ela estava à procura de uma liderança para se filiar: “O melhor seria que o senhor doutor ficasse de responsável, sempre é Médico. Um médico para que serve, sem olhos nem remédio, Mas tem autoridade [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 53).

O próximo recorte mostra o comportamento do grupo na heteronomia, que, a mando de um líder que possuía uma arma, domina toda a comida e faz exigências ao outro grupo para ceder alimentos: “Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres. [...] Se não nos trouxerem mulheres, não comem [...] Torciam-se de risos, davam patadas, batiam com os grossos paus no chão [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 165).

QUADRO 2: Grupos Sociais e Tipos de Personalidades

Personalidade Ética Autônoma	Personalidade Ética Heteronômica
Médico Oftalmologista	Todos os demais cegos das Camaratas
Mulher do Médico	Soldados
Velho da Venda Preta	Governo
Rapariga dos Óculos Escuros	
Rapazinho Estrábico	
Primeiro Cego	

Fonte: Os autores

Outro ponto relevante a ser considerado é que tanto os soldados que vigiam o manicômio como o governo, que toma as decisões sobre como lidar com a “epidemia de cegueira”, têm características de personalidade pouco apuradas, desconsiderando o outro em seus processos decisórios. Tais pontos podem ser facilmente identificados quando os soldados matam ou na decisão do governo de excluir as pessoas da sociedade, quando as engana ao colocá-las em situação degradante de sobrevivência, tendo que lutar por comida e sem auxílio em um momento delicado de adoecimento. O governo expõe todo seu autoritarismo e os soldados, por sua vez, atuam como se não fossem responsáveis pelos seus atos, apenas obedecendo a lei de um superior:

O governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam também, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando que o isolamento que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações pessoais, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional. (SARAMAGO, 1995, p. 50)

[...] abandonar o edifício sem autorização significará morte imediata [...] trata-se de uma recomendação, não de uma ordem [...] os internados serão responsáveis por todas as consequências negativas [...] o Governo e a Nação esperam que cada um cumpra o seu dever. (SARAMAGO, 1995, p. 50-51)

[...] em caso de incêndio [...] os bombeiros não intervirão [...] igualmente não deverão os internados contar com nenhum tipo de intervenção do exterior na hipótese de virem a verificar-se doenças entre eles [...]. (SARAMAGO, 1995, p. 51)

Muito devagar, no intervalo entre dois ferros verticais, como um fantasma, começou a aparecer uma cara branca. A cara de um cego. O medo fez gelar o sangue do soldado, e foi o medo que o fez apontar a arma e disparar uma rajada à queima-roupa. (SARAMAGO, 1995, p. 80)

Grande parte dos personagens, incluindo o governo e os soldados responsáveis pela vigília no hospital, está na fase da heteronomia. Portanto, as relações dos personagens se davam por meio de coação, autoridade, medo, violência física e psicológica. Os sujeitos que se enquadravam nessa categoria não conseguiam pensar e se colocar no lugar do próximo, ficando centrados em si e em seus desejos e medos, tal qual uma criança imatura. Desse modo, agiam pensando apenas no próprio grupo, como, por exemplo, são os cegos da terceira camarata que usavam da violência física e psicológicas, conseguindo, por meio de ameaças, bens de valores e mulheres para serem violentadas. Além desses, consta o personagem governo que, ao excluir todos os “contaminados” da sociedade, retirou também sua essência humana, tratando-os como objetos.

Há uma personagem que apresenta característica bem interessantes, pois demonstra por meio de suas ações uma manobra de transição do estágio moral da heteronomia para a autonomia. Descrita como rapariga dos óculos escuros, essa personagem surgiu no início da narrativa apresentado característica de heteronomia: pensava só em si, buscava seguir uma líder dentro do manicômio, entre outras características. É perceptível uma evolução de suas ações ao passar a se preocupar com o próximo, principalmente com o rapazinho estrábico, que era como se fosse um filho para ela. Entretanto, por conta da oscilação de comportamento, não é possível afirmar que a personagem esteja plenamente na autonomia.

Os resultados da análise demonstram que a organização social em grupos dentro do manicômio ocorreu mais por aspectos psicológicos do que por afinidades gerais. Além disso, a interferência no desenvolvimento psicológico humano que impede ou não facilita o progresso para patamares mais sofisticados funciona como fator que intervém na sociedade, podendo produzir graves consequências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, nos resultados obtidos, que a maioria dos personagens se encontra no estágio da heteronomia. As principais características desse grupo é que não consegue decidir suas ações sozinho, pois precisa ser influenciado por alguém, obedece às regras mesmo que façam mal a outra pessoa, estabelece relações por meio de coação, necessita de uma líder, entre outros. Por outro lado, verificamos três personagens num nível de personalidade autônoma, mostrando que é factível tal característica em nossa sociedade.

Tais resultados permitem um olhar psicológico sobre os personagens, evidenciando que aspectos formativos da personalidade não se estabeleceram. Dessa forma, foram gerados adultos com visões da realidade que podem ser facilmente distorcidas, dependendo da lente utilizada, ou seja, a visão é dada a partir da liderança que se segue, o que facilita manipulações. Nesse sentido, a obra de Saramago se mostra ainda mais sagaz, pois sua metáfora para a cegueira política/social consegue estabelecer níveis de tessitura da alma humana que retratam com perfeição a realidade numa época em que não há um olhar para o outro e cada um se preocupa apenas consigo mesmo.

Ao considerar que a literatura serve de base para compreender a sociedade, faz-se necessário estabelecer alguns laços com a realidade atual. A epidemia “fantástica” de Saramago pode ser pensada ao lado da pandemia do COVID-19 que a sociedade vivencia, sendo que, nessa lógica, muitos comportamentos se assemelham aos analisados na obra: ações do governo que favorecem a disseminação da doença e mortes, o comportamento de pessoas que extrapolam seus direitos individuais e colocam as demais em risco, a economia como valor anterior à vida humana etc. Podemos pensar que temos um governo heterônimo? A sociedade não adere às regras sanitárias de proteção a vida por seguir tal líder? Essas conjecturas devem ser respondidas com pesquisas que abordem tal tema.

Seja como for, é cada vez mais importante e necessário que a sociedade consiga maturar sua autonomia moral para que a coletividade garanta um convívio social saudável. Seguindo Piaget, um adulto pode se desenvolver, desde que tenha as condições sociais para tanto - o caminho são relações sociais cooperativas. A heteronomia é produtora de cegueira moral. Na obra estudada, a epidemia não revelou pessoas mais solidárias umas com as outras. Pelo contrário, o que apareceu foi justamente aquilo que elas são, incluindo suas características perversas e sua pouca apuração moral, aspectos muito bem retratados por Saramago, que cumpriu na totalidade a nota de sua epígrafe: “ se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- AMORIM, A. R. A literatura em busca de um sentido. *Revista Urutágua*. Universidade estadual de Maringá: Maringá /Pr. Ano 1, n.02, julho 2001. Disponível em: http://www.urutagua.uem.br//02_literatura.htm. Acesso em 11 de março de 2018.

- BORGES, T. P.; PACÍFICO FILHO, M. Vulnerabilidade Psicológica em Tempos Líquidos. Anais do II Seminário Internacional América Latina: política e conflitos contemporâneos. UFPA: Belém, 2017.
- CANDIDO, A. *Vários escritos* (4ª ed.). São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FRANCO, C. O desenvolvimento do método clínico e suas relações com as modificações na tradição de pesquisa piagetiana. *Percursos Piagetianos*. Lucy Banks-Leite (org.). São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- LAJOLO, M. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LA TAILLE, Y. A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 2006, vol.19, n.1 [citado 2011-08-05], pp. 9-17.
- LA TAILLE, Y. *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo, Ática, 1998.
- LA TAILLE, Y. *Vergonha: a ferida moral*. São Paulo: Ed. Vozes, 2002.
- LA TAILLE, Y. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LA TAILLE, Y. *Formação ética: do tédio ao respeito de si*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- PIAGET, J. *A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- PIAGET, J. (1926). *A representação do mundo na criança*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- PIAGET, J. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1978a.
- PIAGET, J. *Fazer e compreender*. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1978b.
- PIAGET, J. *O possível e o necessário. 1: Evolução dos possíveis na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- PIAGET, J. *O possível e o necessário 2: Evolução dos necessários na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- PIAGET, J. O possível, o impossível e o necessário. In: Leite, Luci B. *Piaget e a Escola de Genebra*. São Paulo: Cortez, 1987.
- PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus Editora, 1932/1994.
- PIAGET, J. (1953-54) Las relaciones entre la inteligencia y la actividad en el desarrollo del niño. In: DELAHANTY, G.; PERRÉS, J. *Piaget y el psicoanálisis*. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 1994.
- QUEIROZ, K. J. M.; LIMA, V. A. A. Método Clínico Piagetiano nos Estudos sobre Psicologia Moral: o uso de dilemas. *Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*. Vol.3, n. 5, jan-jul/2010. Disponível em: <www.marilia.unesp.br/scheme>. Acesso em maio de 2013.
- REMÉDIOS, M. L. R. José Saramago: ficção inovadora e criativa. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 163-172, Jan/jun 2011.
- SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SMITH, F. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. (D. Batista, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- TOGNETTA, L. *A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola*. Campinas: Mercado de Letras/FAPESP, 2003.

TOGNETTA, L. R. P.; ASSIS, O. Z. M. A construção da solidariedade na escola: as virtudes, a razão e a afetividade. *Educ. Pesqui.* [online]. 2006, vol.32, n.1.

TOGNETTA, L. R. P. *A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola: uma proposta de trabalho com as virtudes numa visão construtivista*. Campinas, SP, Mercado de Letras/FAPESP, 2003.

VIEIRA, A. *O prazer do texto: perspectivas para o ensino de literatura*. São Paulo: EPU, 1989.

VINHA, T. P. *O educador e a moralidade infantil: uma visão construtivista*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.